

A EPÍSTOLA *AN VULGUS ET LITERATI EODEM MODO PER TERENTII TULLIIQUE TEMPORA ROMAE LOCUTI SINT* (1435)
DO LEONARDO BRUNI: ESTUDO INTRODUTÓRIO,
TRADUÇÃO E NOTAS

Fábio Frohwein de Salles Moniz
Universidade Federal do Rio de Janeiro (Brasil)
<https://orcid.org/0000-0003-2364-0011>
fabiofrohwein@letras.ufrj.br

RESUMO

Neste artigo, apresentamos nossa proposta de tradução anotada de *An vulgus et literati eodem modo per Terentii Tulliique tempora Romae locuti sint* (1435), do humanista Leonardo Bruni (1370-1444), antecedida por um estudo introdutório. *An vulgus* discute o uso do latim na Roma antiga em resposta à epístola de Flavio Biondo (1388-1463) intitulada *De verbis Romanae locutionis* (1435). Na primeira metade do século xv, ambos os humanistas iniciaram um debate acerca da língua cotidiana dos romanos: Bruni argumentava que o latim era uma língua utilizada somente em textos escritos, enquanto Biondo sustentava que o latim era o idioma tanto da escrita quanto da vida cotidiana de Roma, destacando três formas de expressão latina: poética, oratória e popular. Para nossos comentários introdutórios, utilizamos as considerações de Tavoni (1984: 3-41), Delle Donne (2008: xv-xlIX) e Schöntag (2017: 553-572). O texto base da nossa tradução é o estabelecido por Tavoni (1984: 216-221). Quanto à anotação do texto traduzido, recuperamos algumas notas de Tavoni (1984: 216-221) e de Bernard-Pradelle (2014: 148-163), além de incluímos novas notas de nossa autoria.

PALAVRAS-CHAVE: Século xv, humanismo, polêmica linguística, Leonardo Bruni, *An vulgus*.

*AN VULGUS ET LITERATI EODEM MODO PER TERENTII TULLIIQUE TEMPORA ROMAE
LOCUTI SINT*: INTRODUCTORY STUDY, TRANSLATION, AND NOTES

ABSTRACT

In this article, we present our annotated translation proposal of *An vulgus et literati eodem modo per Terentii Tulliique tempora Romae locuti sint* (1435), by the humanist Leonardo Bruni (1370-1444), preceded by an introductory study. *An vulgus* discusses the use of Latin in ancient Rome in response to the epistle by Flavio Biondo (1388-1463) titled *De verbis Romanae locutionis* (1435). In the first half of the 15th century, both humanists initiated a debate about the everyday language of the Romans: Bruni argued that Latin was a language used only in written texts, while Biondo maintained that Latin was the language of both writing and daily life in Rome, highlighting three forms of Latin expression: poetic, oratorical, and popular. For our introductory comments, we used the considerations of Tavoni (1984: 3-41), Delle Donne (2008: xv-xlIX) and Schöntag (2017: 553-572). The base text for our translation is the one established by Tavoni (1984: 216-221). Regarding the annotation of the translated text, we have incorporated some notes from Tavoni (1984: 216-221) and Bernard-Pradelle (2014: 148-163), as well as including new notes of our own.

KEYWORDS: 15th century, humanism, linguistic controversy, Leonardo Bruni, *An vulgus*.

DOI: <https://doi.org/10.25145/j.fortunat.2024.40.04>

FORTVNATAE, N° 40; 2024 (2), pp. 69-88; ISSN: 1131-6810 / e-2530-8343



1. INTRODUÇÃO¹

1.1. O CONTEXTO DA POLÊMICA

Em linhas gerais, *An vulgus et literati eodem modo per Terentii Tulliique tempora Romae locuti sint* (Teriam falado do mesmo modo em Roma o povo e os letrados ao longo das épocas de Terêncio e de Túlio?)² de Leonardo Bruni (1370-1444)³ trata do uso do latim na Roma antiga e responde a epístola de Flavio Biondo⁴ (1388-1463) intitulada *De verbis Romanae locutionis*.⁵ Ambas as epístolas inserem-se num contexto de intenso e delongado debate entre os humanistas da época sobre qual teria sido a língua que de fato os romanos falavam cotidianamente. Segundo Fulvio Delle Donne (2008), embora essa discussão andasse em voga na época de Bruni e Biondo, ou até antes, *De verbis* é o primeiro testemunho escrito da questão. Por meio dessa obra, tomamos conhecimento de que o tema, alvo de uma contenda entre os dois humanistas, a que se juntaram Antonio Loschi (1365-1441), Cencio Rustici (1390-1445),

¹ O fio condutor destas considerações baseia-se em: Tavoni (1984: 3-41); Delle Donne (2008: XV-XLIX) e Schöntag (2017: 553-572).

² Doravante, esta obra será referida apenas por *An vulgus*, e todas as citações de Leonardo Bruni aqui estão sempre relacionadas a ela.

³ Humanista, secretário papal, filósofo, historiador, tradutor e chanceler italiano; autor de *Laudatio florentine urbis* (1403-1404), *Dialogi ad Petrum Paulum Histrum* (1401), *Vita Ciceronis sive Cicero novus* (1415), *Oratio in hypocritas* (1417), *De primo bello punico* (s.d.), *Commentarius de bello punico* (1421), *De militia* (1421), *Commentarius rerum graecarum* (s.d.), *De interpretatione recta* (c. 1420), *Commentarius rerum suo tempore gestarum* (s.d.), *De bello italico adversus Gothos* (1442), *Historiae Florentini populi* (1415-1444); tradutor das seguintes obras de Aristóteles: *Ethica Nicomachaea* (1416-1417), *Libri oeconomici* (1420-1421) e *Politica* (s.d.).

⁴ Humanista, historiador, arqueólogo, erudito, enciclopedista, antiquário, filólogo e latinista nascido em Forlì e falecido em Roma; primeiro a cunhar o termo Idade Média e um dos primeiros a ocupar-se com o estudo sobre a Antiguidade, sendo considerado precursor da arqueologia; secretário e chanceler dos papas Eugênio IV, Nicolau V, Calisto III e Pio II; autor de três enciclopédias que são a base de todas as obras sucessivas no que se refere à Antiguidade romana. Ainda jovem, teve aulas de retórica, poética e gramática com o erudito Giovanni Ballistário de Cremona. Durante breve permanência em Milão, descobriu e transcreveu algumas obras de Cícero tais como *Brutus* e *De claris oratoribus*. Em 1433, transferiu-se para Roma, onde começou a se dedicar à carreira de escritor. Foi nomeado secretário da chancelaria do papa Eugênio IV e, em 1444, acompanhou o pontífice no exílio, em Ferrara e Florença. Depois da morte do seu patrono, Biondo colocou-se a serviço dos seus sucessores Nicolau V, Calisto III e Pio II. Publicou três compêndios sistemáticos e documentados sobre as ruínas de Roma, que lhe deram a fama de ser considerado um dos primeiros arqueólogos. Antiquários e historiadores subsequentes tiveram por base os fundamentos estabelecidos por Biondo e pelo seu contemporâneo mais velho Poggio Bracciolini (1380-1459), numa época em que as ruínas da antiga Roma estavam esquecidas e inexploradas. Principais obras: *De Roma instaurata* (1444-1446), *De Roma triumphante libri decem* (s.d.), *Historiarum ab inclinatione Romanorum imperii decades* (1439-1453), *De origine et gestis Venetorum* (s.d.), *Italia illustrata* (1448-1458).

⁵ Doravante, esta obra será referida apenas por *De verbis*, e todas as citações de Flavio Biondo aqui estão sempre relacionadas a ela.



Andrea Fiocchi (1400-1452) e Poggio Bracciolini (1380-1459), durante uma conversa na antecâmara do papa Eugênio IV, dividiu-os em dois grupos. Bruni, com apoio de Loschi e Rustici, argumentava que os oradores pronunciaram suas orações num vernáculo antigo e depois as rescreveram em latim. Reforçando a tese de Bruni, Loschi defendia que as orações, caso pronunciadas em linguagem erudita, não teriam sido bem recebidas pelo público geral. Rustici, por seu turno, usou uma passagem de Tito Lívio sobre Tulo Hostílio para sustentar que o rei romano teria se utilizado de palavras mais literárias para falar numa espécie de linguagem cifrada, apenas compreensível aos membros da elite do seu exército, durante uma manobra militar contra os fidenates. Bracciolini, no entanto, argumentava que a plebe tinha capacidade de apreciar cláusulas métricas em orações, entendendo que uma mesma língua fora usada tanto para a fala quanto para a escrita, de maneira a que o público pudesse apreciar a eloquência dos oradores. Nesse ponto do debate, Bruni se retirou do grupo, tendo sido chamado pelo papa.

Flavio Biondo segue, lembrando em *De verbis* que, após a saída de Bruni, os presentes continuaram a debater se as orações teriam sido proferidas em uma língua diferente daquela em que foram escritas, a exemplo de Dante e Boccaccio, que escreveram em uma língua distinta do vernáculo. Examinados e refutados todos os argumentos de Bruni e de seus apoiadores, Biondo encaminha-se para a parte final de sua epístola, em que pretende mostrar que havia uma complexidade linguística em Roma para além da dicotomia fácil entre linguagem popular e linguagem literária. Ao desenvolver seus argumentos, o autor explora as nuances da linguagem latina com base em Cícero, especialmente em *Orator* e *Brutus*, propondo a existência de três formas distintas da expressão latina: poética, oratória e popular. O humanista argumenta que, embora desprovida de arte e regras e utilizada pelo povo, a expressão popular não devia ser considerada como carente de «Latinitas». Ao contrário, o humanista sugere que essa forma de expressão poderia ser refinada e elevada a um estado de maior dignidade e beleza. A argumentação de Biondo continua com a afirmação de que, mesmo no discurso mais casual e popular, utilizado por figuras históricas como Cota e Curião, a «Latinitas» permanecia intacta, apenas desprovida do refinamento literário. Esse argumento é usado para rebater a noção de que apenas a elite educada poderia empregar a oratória latina corretamente, defendendo que a capacidade de falar bem estava ao alcance de todos, inclusive de açougueiros e vendedores de peixe, desde que fossem expostos ao idioma falado corretamente em casa. Valendo-se de um exemplo contemporâneo, Biondo conta que até os estrangeiros, que trabalhavam na Cúria romana e falavam um latim incorreto e bárbaro, poderiam compreender discursos eruditos, sugerindo que a compreensão do latim não estava restrita apenas àqueles formalmente educados. O humanista estende esse argumento à população romana antes das invasões bárbaras, alegando que a «Latinitas» era universalmente compreendida, independentemente da educação formal.

Biondo então afirma que, mesmo sem conhecimento formal de gramática, o povo comum poderia usar latim corretamente em sua vida cotidiana, como demonstrado nas conversas das mulheres romanas que, embora não dominassem os aspectos gramaticais da língua, mantinham sua elegância e correção. *De verbis* conclui com uma reflexão sobre as transformações do latim ao longo dos séculos, especialmente



após as invasões dos godos e vândalos, que diluíram a pureza da «Latinitas» com influências bárbaras. O humanista utiliza mais uma vez o *Brutus* para destacar como, historicamente, aqueles que falavam bem eram aqueles não corrompidos pela barbárie externa, reforçando a ideia de que a verdadeira «Latinitas» era uma característica inerente aos cidadãos romanos não expostos a influências estrangeiras corruptoras.

Datada de 1º de abril de 1435, *De verbis* teve por resposta *An vulgus*, a epístola de Leonardo Bruni, redigida no mesmo ano. Bruni inicia, ponderando a Biondo que é essencial definir claramente o tópico em disputa para evitar mal-entendidos entre eles e estabelece o ponto de controvérsia: enquanto Biondo acredita que antigamente havia uma única língua falada por todos, Bruni sustenta que existia uma distinção entre a língua popular e a letrada, semelhante ao que ocorria em sua época em Florença. Além disso, Bruni entende que é fundamental especificar o tempo e o lugar da discussão para evitar generalizações vagas sobre «os antigos». Dessa maneira, o autor especifica que seu foco será discutir se em Roma, no tempo de Terêncio e Túlio, o povo e os letrados falavam da mesma forma, ou se havia diferenças de língua entre eles.

Dessa forma, Leonardo Bruni passa a examinar os argumentos arrolados por Flavio Biondo, a começar pelo principal, segundo o qual os oradores importantes falavam em latim nos contextos formais, o que indica que todos entendiam a língua. Bruni lembra ainda que Biondo também aponta que as comédias de Terêncio e Plauto, apreciadas pelo público comum, eram apresentadas na língua original, sugerindo que o povo compreendia bem o latim. Por outro lado, o autor de *An vulgus* discorda desses argumentos, comparando-os ao uso atual do latim nas missas, em que a compreensão não implica a capacidade de falar a língua. Portanto, Bruni rejeita a validade dos argumentos de Biondo sobre os oradores e poetas, defendendo que o entendimento não equivale à fluência linguística e salientando que os oradores adaptavam suas falas para diferentes públicos, usando linguagem mais acessível para o povo e mais erudita para os letrados. O humanista prossegue, contestando a relevância das práticas dos oradores para o argumento, pois eles falavam a uma audiência mista, que incluía pessoas instruídas. Ressalta que, nas assembleias, a fala era ajustada tanto para os letrados quanto para o público geral, embora nem todos falassem ou compreendessem o latim culto.

Em seguida, Leonardo Bruni argumenta que os poetas e seus poemas não eram necessariamente compreendidos pelo público, que frequentava os teatros mais pelo espetáculo visual e sonoro. Sua argumentação baseia-se na ideia de que as representações teatrais eram mais visuais e auditivas do que textuais, o que reforça que o entendimento do texto era secundário ao entretenimento, e em exemplos de textos teatrais para argumentar que o público estava mais interessado na performance do que no conteúdo linguístico das obras. Bruni conclui que o público não entendia as palavras dos poetas, mas sim apreciava o espetáculo visual e sonoro, desassociando a compreensão linguística do entretenimento. Em última instância, o humanista questiona a possibilidade de o público comum ter falado ou compreendido o latim culto sem educação formal, destacando a improbabilidade dessa habilidade, uma vez que havia diferenças entre a língua culta e a popular em termos de gramática e uso, que conferiam complexidade ao latim culto. Para corroborar sua linha de raciocínio, são apresentados exemplos específicos de palavras e suas flexões para mostrar a dificuldade de



dominar o latim culto sem instrução formal. Com base nisso, Brunni refuta a ideia de que o público comum pudesse falar e entender o latim culto como os letrados, utilizando exemplos verbais para ilustrar a complexidade linguística. O autor de *An vulgus* finaliza, argumentando contra a perspectiva de Flávio, prometendo apresentar mais argumentos se necessário e mantendo sua posição sobre a distinção entre a linguagem popular e a letrada na Roma antiga.

Embora *De verbis* e *An vulgus* retomem o debate que ocorreu na antecâmara papal e que envolveu seis pessoas, chegaram-nos apenas os testemunhos de três delas, as já mencionadas obras, e *Utrum priscis Romanis Latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio* (Discussão da terceira história convival sobre se havia uma língua latina comum a todos os antigos romanos, ou se havia uma de homens instruídos, outra da plebe e do povo), diálogo elaborado por Poggio Bracciolini em 1450. Dessa forma, desconhecemos não somente três dos demais pontos de vista acerca do debate bem como, e sobretudo, se ele teria se iniciado antes do episódio da antecâmara e como teria sido sua fase embrionária. No entanto, Biondo informa, em sua epístola, que o tema da língua falada pelos antigos romanos era uma discussão corrente entre os humanistas da época, atribuindo a Brunni a tese de que, entre os romanos, mesmo os estudiosos falavam um vernáculo semelhante, especialmente quanto ao léxico, ao usado na era moderna. Essa versão foi geralmente aceita pelos continuadores do debate, começando com Leon Battista Alberti (1404-1472), e alguns, inclusive, chegaram a interpretá-la de forma mais drástica, da qual Biondo certamente se absteve, segundo a qual os antigos teriam falado «italiano».

No entanto, Brunni, em sua epístola de resposta a Biondo, não segue essa tese. O humanista, comparando modernos e antigos, estabelece uma distinção entre «língua litterata» e «língua vulgaris», defendendo não a continuidade histórica entre os vernáculos, mas uma analogia da situação linguística de seu tempo com relação à Antiguidade latina. Em algumas passagens de sua epístola, Brunni chega a fazer uma comparação entre o vernáculo antigo e o vernáculo moderno, por meio do exemplo das mulheres romanas de sua época, cuja fala «pura» seria supostamente análoga àquela que deveria ser característica a das antigas mães e amas. Dessa forma, a oposição entre língua letrada antiga e moderna correspondia, para Brunni, à oposição entre a língua vernacular antiga e a moderna. Trata-se de uma identidade definida em negativo, a identidade entre duas caixas sobre cujo conteúdo Brunni não apresentou (nem o poderia) nenhuma informação, a não ser afirmar que ocupavam a mesma posição num esquema que permaneceu idêntico a si mesmo. O vernáculo seria (ou seja, era em sua época, como sempre foi) a língua caracterizada pela falta de declinação, de flexão, de concordâncias sintáticas, diferentemente do «sermo litteratus».

Houve, portanto, um mal-entendido, que pode ser confirmado pelas palavras com que Brunni abre sua resposta. Ao iniciar sua epístola, o humanista mostrase insatisfeito com a forma como Biondo havia formulado a questão, tanto que foi induzido a reformulá-la. Outro indício do mal-entendido é o fato de Lorenzo Valla (1407-1457), ao refutar a argumentação de Bracciolini, que se situava na linha de Biondo, não acreditar que Brunni tivesse defendido a tese de que os antigos romanos falavam uma linguagem vernacular semelhante à moderna, isto é, uma língua



diferente do latim. Provavelmente, Valla buscou corrigir alguma tradição oral ainda viva do debate em questão, o que, por exemplo, se verificava ainda em meados do séc. XVI, em Lodovico Castelvetro (1505-1571):

... se nossa linguagem vernacular existia ou não existia na época em que o município de Roma era um estado e governava o mundo ...; sabemos que Leonardo Aretino ... era dessa opinião, se queremos acreditar em Filelfo e em Poggio, ou que foi falsamente afixado a ele, se queremos acreditar em Lorenzo Valla, ou foi malícia, ou foi a ignorância de seus oponentes.⁶

Mirko Tavoni especula que, na discussão oral, Bruni tenha realmente sustentado a tese que Biondo lhe atribuiu, mas que depois, diante dos argumentos deste, percebeu sua insustentabilidade, e voltou atrás sem dizê-lo em questões mais limitadas e declarações reticentes (e, portanto, ainda menos claras). A hipótese da «malícia», sugerida por Castelvetro, não é plausível para Tavoni. É verdade que, na versão de Biondo, Bruni se viu forçado a uma posição pouco defensável; mas, em um texto tão cuidadoso, equilibrado e respeitoso como *De verbis*, Biondo não poderia ter cometido intencionalmente tal incorreção. Para Tavoni, o *An vulgus* refletia fielmente a posição que Bruni manteve no debate oral, baseado numa perspectiva gramatical, enquanto o texto de Biondo, como o de Poggio, seguiu uma abordagem histórica. Esse contraste de óticas teria sido o responsável pelo mal-entendido. Tavoni entende que o contraste entre essas duas perspectivas está, por outro lado, implícito e pouco consciente, numa discussão em que, pela primeira vez, se buscou esclarecer o problema da relação histórica entre o latim e o vernáculo.

1.2. AS FONTES DA POLÊMICA

Embora se apresentem com uma forte carga de segurança e evidência, «prima facie» *De verbis* e *An vulgus* registram projeções da experiência linguística contemporânea sobre a imagem da Antiguidade, motivadas por diferentes óticas, que destacam aspectos complementares. Bruni afirma, ou melhor reitera, que é «impossibile, absurdum», que mulheres e similares falassem «Latine litterateque», juízo que não se baseia em nenhuma documentação histórica. Em sua argumentação, articulam-se dois elementos, um empírico e outro teórico. O primeiro elemento é a experiência concreta da diglossia típica da situação humanística, assim como o resto da medieval. O outro é a oposição categórica entre o que é gramática e o que é linguagem

⁶ No original: «[...] se la lingua nostra fosse o non fosse al tempo che il comune di Roma era in istato e signoreggiava il mondo [...]; si sa che Lionardo Aretino [...] fu di questa opinione, se vogliamo prestar fede al Philelpho et al Poggio, o che gli fu ciò falsamente apposto, se vogliamo credere a Lorenzo Valla, o fosse malitia, o fosse ignoranza de suoi avversari» (apud Tavoni, 1984: 8).

natural, materna, vulgar. Conforme Tavoni, há, nessa visão de gramática, a sobrevivência de uma noção medieval de gramática como um sistema linguístico absolutamente diferente do da língua viva. O rótulo de medieval, empregado por Tavoni, é genérico e diz respeito à presença ativa, na mentalidade de Bruni, de uma espécie de senso comum, presente em expressões como «grammatica oratio» e «grammatica ars», em que «grammatica» diz respeito à realidade do latim.

Na Idade Média, havia uma tendência compreensível de identificar «grammatica» com latim, em uma situação em que outras línguas ‘reguladas’ não eram geralmente praticadas e em que o latim não era mais uma língua materna para ninguém. Embora pesquisas recentes tenham procurado indicar uma presença significativa de fontes modistas no pensamento linguístico de Dante, permanece o fato de que a oposição entre o vernáculo, enquanto língua natural, e o latim, enquanto língua artificial, é algo tão característico do *De vulgari eloquentia* (c. 1302/1305), que nossos humanistas não conheciam, quanto do *Convivium* (c. 1304/1307), que um homem como Leonardo Bruni muito provavelmente poderia ter conhecido. Roger Schöntag também explica que, durante a Idade Média, o latim foi considerado uma língua artificial e invariável. Essa visão sofreu alteração durante o Renascimento italiano, em que o idioma dos antigos romanos passou a ser entendido com a mesma dimensão histórica comum a outros idiomas, justamente graças à polêmica entre Bruni e Biondo. Outro fator que colaborou para a mudança de visão acerca do latim foi o surgimento do interesse pela historiografia antiga entre os humanistas renascentistas, entre os quais Biondo.

Dante Alighieri, em sua obra *De vulgari eloquentia*, buscou discutir a forma ideal da língua italiana para textos literários, apontando uma diglossia que se verificava em seu tempo. De um lado, havia o latim, língua secundária, que era aprendida no ensino, exigia muito tempo e dedicação, cuja competência linguística não era muito difundida entre os leitores de sua época. Dante classificou o latim como língua artificial («artificialis»; *De vulg.*, I.1.4), criada por inventores de uma língua («inventores grammatices»; *De vulg.*, I.9.11) com regras complexas, frente ao vernáculo, um idioma totalmente sem regra («sine omni regula»; *De vulg.*, I.1.2). Para Dante, o latim permitia a leitura de autoridades literárias e das realizações dos ancestrais da Itália, acesso à memória coletiva da sociedade e a comunicação de povos que habitam diferentes lugares do mundo, pois sua gramática era invariável no tempo e no espaço («diversibus temporibus atque locis»; *De vulg.*, I.9.11).

De acordo com Schöntag, conquanto tenha sido produzida aproximadamente em 1303/1304, *De vulgari eloquentia* foi redescoberta pelos humanistas italianos apenas em 1515 por Gian Giorgio Trissino (1478-1550), que a traduziu em 1529 para o italiano. Mas a visão da homogeneidade e invariabilidade do latim, presente em *An vulgus*, não era uma inovação de *De vulgari eloquentia*, pois Dante apresenta, em sua obra, uma perspectiva medieval da tradição escolástica, que opunha a «grammatica» à língua natural. No sistema das sete artes liberais, abrangidas pelo «Quadrivium» e «Trivium», o latim consistia na primeira parte do currículo, estudado a partir das *Ars minor* e *Ars maior* de Élio Donato (séc. IV) e das *Institutiones grammaticae* de Prisciano Caesariense (séc. V). Utilizado com função essencialmente propedêutica no ensino medieval, o latim não era tratado como idioma sujeito a mudanças substanciais, pois servia de instrumental para o conhecimento da filosofia e da teologia.



O caráter invariável do latim, enfatizado no ensino medieval, fora influenciado, por sua vez, pela tradição gramatical e retórica latina antiga, a exemplo de Varrão e Quintiliano, que já observavam a necessidade de padronização do latim devido à existência de duas variedades: a do uso cotidiano («consuetudo») e a dos bons autores («grammatica»). Para Varrão, a «grammatica» caracterizava-se pelo uso da língua com base em regras sistematizadas pelos gramáticos e ensinadas nas «scholae». Quintiliano também distinguiu o uso comum do latim do modo de falar conforme a gramática: «Quare mihi non invenuste dici videtur aliud esse Latine, aliud grammaticè loqui» («portanto, não me parece inapropriado dizer que uma coisa é falar latim, outra é falar gramaticalmente»; *Inst. orat.*, 1.6.27).

A fonte da teoria de Flavio Biondo foi Cícero, com base em quem defende que discursos e comédias eram pronunciados em latim, ainda que o humanista não dispusesse de provas para sustentar que as pessoas comuns de fato entendiam e falavam latim. Biondo não tinha, portanto, documentação para esclarecer o ponto central do debate, isto é, qual era a língua falada pelo romano que não sabia escrever. Quanto ao fato de que os discursos fossem pronunciados em latim, tanto Bruni quanto Biondo estavam de pleno acordo. Mas, para Bruni, o grau de compreensão dos não letrados diante desses discursos latinos era comparável ao dos italianos analfabetos, plebeus modernos, diante do latim da missa realizada na Cúria romana. Dessa forma, Bruni concebia o latim como um produto intelectual não natural. Biondo, por sua vez, buscou dissolver essa dicotomia rígida, defendendo que era possível falar «Latine» mesmo sem falar «diligenter». Haveria uma «integritas Latini sermonis» reconhecível ainda que «incompta integritas», de como era sempre latina mesmo no caso de uma frase arcaica e, portanto, rústica, como para escolhas lexicais e de pronúncia (*De verb.*, 50-51), e assim por diante. De acordo com Tavoni, essa visão de gradualidade dos níveis linguísticos deve-se à qualidade das fontes de onde Biondo retirou seus exemplos e sobre as quais fundamentou seu discurso, a saber, o *Brutus* e o *Orator* de Cícero.

Com relação às obras de Cícero utilizadas como fonte, Tavoni salienta que houve uma utilização pontual do *Orator*. Flavio Biondo formulou sua divisão tripartida da «Latinitas» em poética, oratória e popular, distinguindo as três por diferentes graus de «ars» e não por diversidade de palavras, com base no passo 195 do *Orator*, que cita em *De verbis*. Mas, quanto ao *Brutus*, houve um uso mais metódico, que pode ser percebido por meio da manutenção da mesma ordem dos trechos em que aparecem na fonte: sinal de uma fruição sistemática. E é o *Brutus* que reaparece, em pontos deslocados, cada vez que Biondo torna a falar de oradores: assim nos passos 87-88, em que as observações sobre como o poema foi pronunciado no teatro trazem consigo as observações sobre como as orações eram pronunciadas, por alguns com sotaque «urbano», por outros com sotaque «oppidano» (*Brut.*, 170-172 e 242). Por fim, é em uma passagem de *Brutus*, em que aparece a palavra «barbaras» (*Brut.*, 258), que Biondo usa para a última resposta sobre como, quando e por que nasceu o vernáculo (*De verb.*, 107-109). De fato, o autor de *De verbis* foi um dos primeiros



a transcrever o *Brutus*, quando fez, em outubro de 1422, uma cópia para Guarino Veronese, um ano após a descoberta do arquétipo por Gerardo Landriani na catedral de Lodi.⁷

Dessa forma, é na retórica de Cícero que Flavio Biondo encontra a visão da «Latinitas» como um «continuum», ao mesmo tempo coesa e graduada em uma pluralidade de registros, que se opõe à dicotomia rígida de Leonardo Bruni. Nesse sentido, Biondo leva em consideração também a divisão retórica tripartite em estilos tênue, médio, grave, que é aplicada ao uso linguístico da sociedade romana e não somente em relação ao uso literário. A especificidade dessa segunda subdivisão precisava ser notada, se ela contrastava um nível de «elegantissima, lectissima ornatissima-que verba» com um nível de «verba abiecta sive dissipata» (*De verb.*, 70 e 68), e entre os dois interpunha o «medius modus» próprio dos oradores. A visão gradual de Biondo revela uma ancestralidade retórica, que inclui também o aspecto morfossintático privilegiado por Bruni. Para Biondo, no entanto, havia uma gradualidade estilística e retórica adequada para ser colocada em correspondência com um uso social da língua feito de forma gradual. Mas o fato de que o tratado de Biondo se fundamenta na retórica de Cícero ainda não esgota a influência exercida por essa fonte no pensamento linguístico do humanista. É importante observarmos a conhecida disposição de o humanismo se sentir conectado com o aspecto oratório da latinidade. Como observa Tavoni, toda essa discussão sobre a língua falada pelo povo é feita por Biondo em sua contiguidade e relevância para o tema da oratória romana, o verdadeiro centro de onde essa discussão, marginal a ela, parece derivar sua própria importância.

1.3. ALGUNS TERMOS FREQUENTES NA POLÊMICA

Existem alguns termos muito frequentes em *An vulgus* que, para além das escolhas lexicais do tradutor, precisam ser compreendidos na língua de partida. Alguns deles estão presentes em *De verbis* e *An vulgus*, mas Flavio Biondo e Leonardo Bruni às vezes fazem uma utilização muito peculiar, inclusive frente ao léxico clássico, como é o caso de «Latinitas» em Biondo. Outros termos também muito importantes são «litterati», «illitterati», «vulgus», «sermo vulgaris» e «sermo litteratus». Bruni, por exemplo, opõe «vulgus» a «litterati». Consequentemente, essa oposição não se estabelece entre vernáculo e latim, como algumas vezes foi mal-entendida, mas entre «sermo vulgi» e «sermo litteratorum» (4, 43) ou entre «sermo vulgaris», «lingua vulgaris» e «sermo litteratus», «lingua litterata» (2, 41). «Latina lingua», «Latine loqui» não são expressões nas quais se canaliza o pensamento de Bruni. A primeira expressão

⁷ Em 1421, Geraldo Landriani descobriu, em Lodi, um manuscrito, datado do séc. IX, que continha, entre outras obras, *De oratore*, *Brutus* e *Orator*. Desde 1428, não se teve mais notícias desse manuscrito medieval, de modo que sobreviveram apenas as cópias feitas a partir dele (Gonçalves, 2017: 28).



é usada em «Atque Latina lingua a vulgari in multis differt» («e a língua latina difere em muitos aspectos da língua popular», 32) para introduzir o argumento sobre como em absoluto o vernáculo se opõe ao latim: afirmação dada como válida também para a idade antiga, mas evidentemente concebida sobre a base empírica da situação moderna. A expressão que Bruni prefere para falar da situação antiga é «Latine litterateque», «Latine ac litterate» («loqui», 4; «pronunciari», 7; «concionari», 14). É nesse ponto que os termos do texto colocam um problema hermenêutico (isto é, se Bruni realmente pretendia argumentar que o povo romano falava um vernáculo semelhante ao italiano): o autor de *An vulgus* realmente pretendia negar que o povo falasse latim ou negar apenas que ele falasse um tipo particular de latim, o latim gramaticalmente bem construído, que era erroneamente interpretado pelos humanistas do séc. XV como a única modalidade de latim?

Em Leonardo Bruni, «litterati» e («Latine ac») «litterate loqui» são duas noções tão conectadas que uma parece ser desdobramento da outra («Latine ac litterate loqui» significa falar gramaticalmente, a que se opõe o «sermo vulgaris», independentemente da qualidade lexical). Os «litterati», por sua vez, são definidos pelo «scire litteras»; e o «scire litteras» (47) é entendido com base na habilidade de «litteris mandare», ou seja, na simples habilidade de escrever. Bruni não emprega «litteratus» como reflexo da cultura literária, mas de algo mais elementar e mais técnico: gramatical, precisamente, no sentido etimológico. Assim, o que faz de um discurso um «sermo litteratus» não é a latinidade do léxico nem as qualidades estéticas ou estilísticas, mas a boa construção morfossintática. Flavio Biondo também usa «litteratus», evidentemente por influência de Bruni, enfraquecendo-o: «litterata» ou «litteraria Latinitas» são reduzidos a um tipo de «Latinitas», num quadro em que a noção técnica de «litteratus» é substituída pela não técnica de «doctus». O que em Bruni se contrai na noção de «litterateque Latino loqui» é dissolvido por Biondo e distinguido em dois termos, ambos ausentes em Bruni: «Latinitas» e «grammatica». Sendo assim, há uma oposição fundamental entre as duas teorias: na de Biondo, o latim, reconhecido como língua histórico-natural, não é mais somente aquele com a «doctrina» nela refletida. O que, em Bruni, é identidade pensada antes de qualquer distinção temporal, em Biondo, é relação entre distintos, que pode, assim, ser historicizada.

1.4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A polêmica entre Leonardo Bruni e Flavio Biondo acerca da língua falada na Roma antiga revela a profundidade e a complexidade dos debates linguísticos entre os humanistas do Renascimento. Bruni, com sua defesa da diglossia e da distinção clara entre língua popular e língua letrada, refletia uma visão mais gramatical e técnica do latim, acreditando que o vernáculo e o latim culto eram linguisticamente distintos, com o latim sendo uma língua mais elaborada e formal, compreendida e usada corretamente apenas pelos letrados. Por outro lado, Biondo propunha uma visão mais contínua e inclusiva da «Latinitas», argumentando que o latim, em suas várias formas, era uma língua viva e compreendida em diversos níveis pela população romana. Sua perspectiva histórica e retórica sugere que a eloquência e a capacidade de usar



o latim não estavam restritas apenas à elite educada, mas eram acessíveis a todos que estavam expostos ao idioma corretamente falado.

A análise das obras de ambos os humanistas, assim como das influências de Cícero, revela que, enquanto Bruni se apoia na experiência contemporânea de diglossia e na distinção categórica entre gramática e linguagem natural, Biondo utiliza uma abordagem histórica e retórica para mostrar a gradualidade e a coesão do uso linguístico na Roma antiga. A divergência entre as perspectivas de Bruni e Biondo, marcada pela oposição entre uma visão técnica e uma visão histórica da língua, é um reflexo das diferentes óticas dos humanistas sobre a relação entre o latim e o vernáculo. Esse debate não só ilumina a complexidade da língua latina, mas também destaca a dinâmica do pensamento linguístico durante o Renascimento, contribuindo para uma compreensão mais rica e nuançada da herança cultural e linguística de Roma.

2. NOSSA PROPOSTA DE TRADUÇÃO⁸ E NOTAS

Será que o povo e os letrados⁹ falaram em Roma da mesma maneira durante os tempos de Terêncio e Túlio?

Leonardo saúda Flávio, de Forlì.¹⁰ Questiona se o povo e os letrados falaram em Roma da mesma maneira durante o tempo de Terêncio e Túlio.

[1] Para que talvez tu não entendas diferentemente de mim, ou eu de ti, convém, antes de tudo, estabelecermos o que, para nós, está em controvérsia.¹¹

[2] A nossa questão consiste no fato de que tu julgas que, entre os antigos, o idioma de todos foi um único e o mesmo, e não um popular e outro, letrado. Eu, porém, como ocorre agora, estimo que assim também, naquela época, havia uma língua popular distinta da letrada.

[3] Se te convém, circunscrevamo-nos¹² também mais precisamente, de modo a se definirem um certo tempo e lugar. Pois quem fala sobre «os antigos» não designa nem um tempo nem um lugar certo o suficiente.¹³

⁸ O texto base de nossa tradução, a primeira para a língua portuguesa, é o editado por Mirko Tavoni (1984: 216-221). Com relação a outros idiomas modernos, temos conhecimento da tradução que Laurence Bernard-Pradelle (2014) realizou para o francês. Para uma consulta ágil ao texto latino, sugerimos acessar a página do Archivio della Latinità Italiana del Medioevo (ALIM): <[http://www.alim.dfil.univr.it/alim/letteratura.nsf/\(cercaVolumi\)/32DFB05E316B8855C12573E700643BC3?OpenDocument](http://www.alim.dfil.univr.it/alim/letteratura.nsf/(cercaVolumi)/32DFB05E316B8855C12573E700643BC3?OpenDocument)>.

⁹ No original, «literati». Na introdução deste artigo, esclarecemos o sentido de «literatus» empregado por Bruni em sua epístola.

¹⁰ Capital da província de Forlì-Cesena (Emilia-Romagna, Itália).

¹¹ Na introdução deste artigo, esclarecemos o contexto de produção desta obra.

¹² Laurence Bernard-Pradelle (2014: 497) vê aqui intertextualidade com Cic., *Fin.* IV, 24: «Sed ut proprius ad ea, Cato, accedam, quae a te dicta sunt, pressius agamus eaque, quae modo dixisti,

[4] Seja, portanto, a questão se, em Roma, durante o tempo do poeta Terêncio e de Marco Túlio, o povo falava tal como falam estes que agora dizemos falarem em latim e letradamente, ou se o idioma do povo foi um, e outro, o dos letrados.

[5] O teu primeiro e principal argumento é que os oradores no Senado, nos tribunais e nas assembleias falavam em discursavam em latim, o que não teriam feito se não fossem entendidos por todos.

[6] Além disso, as comédias de Terêncio e Plauto eram recitadas ao povo na mesma língua em que foram escritas, e isso dizes ser um sinal de que o povo falava do mesmo modo. Como, afinal, deleitariam se não fossem compreendidas?

[7] Estas, para ti, parecem ser as provas mais firmes e os argumentos mais certos da tua opinião. Eu, porém, não os reputo mais consideráveis do que agora suceda que os Evangelhos e as solenidades das Missas sejam pronunciados em latim e letradamente diante de uma turba de ouvintes.¹⁴

[8] Pois as pessoas entendem, mesmo que sejam não letradas, embora elas próprias não falem nem saibam falar daquele modo, mesmo que entendam, pelo fato de que é muito mais fácil entender um outro idioma do que o proferir.

[9] Discutamos, portanto, se te convém, os teus argumentos e vejamos o que valem. De fato, não é lícito assentir em opiniões e sinais da mesma forma que em argumentos necessários, pois a opinião e a estimativa muito frequentemente falham.

[10] Sem dúvida, dois argumentos são conduzidos por ti, um dos oradores e outro dos poetas. Logo, vejamos cada um deles.

[11] Primeiramente, pois, o fato de os oradores falarem em latim e letradamente no Senado e nos tribunais não ajuda em nada a tua opinião. Pois o linguajar do

cum iis conferamus, quae tuis antepono. Quae sunt igitur communia vobis cum antiquis, iis sic utamur quasi concessis; quae in controversiam veniunt, de iis, si placet, disseramus. Mihi vero, inquit, placet agi subtilius et, ut ipse dixisti, pressius. Quae enim adhuc protulisti, popularia sunt, ego autem a te elegantiora desidero. A mene tu? inquam. Sed tamen enitar et, si minus multa mihi occurrent, non fugiam ista popularia» («mas para abordar de forma mais precisa, Cato, o que disseste, discutamos mais profundamente e comparemos aquilo que mencionaste com o que eu considero superior às tuas ideias. Assim, usaremos o que têm em comum com os antigos como se estivesse acordado; quanto ao que é objeto de controvérsia, se estiveres de acordo, discutiremos. De fato, disse ele, prefiro uma discussão mais sutil e, como disseste, mais precisa. O que apresentaste até agora é popular, mas espero de ti algo mais refinado. De mim? perguntei. No entanto, farei um esforço e, se eu encontrar menos coisas, não evitarei essas ideias populares»).

¹³ Como observa Mirko Tavoni (1984: 216), Leonardo Bruni trabalha com uma delimitação temporal mais restritiva do que Flavio Biondo em *De verbis Romanae locutionis*, ao tratar de um período histórico que abrange as invasões bárbaras.

¹⁴ Mirko Tavoni salienta que a expressão «Missarum solemnias», empregada também por Poggio Bracciolini nos passos 129-131 de *Utrum priscis Romanis latina lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivalis historiae disceptatio*, será criticada por Francesco Filelfo no passo 32 da *Epistola a Sforza Secondo* e nos passos 91-93 da *Epistola a Lorenzo il Magnifico*.

orador era, no Senado e nos tribunais, para homens letrados. E, assim, esses dois lugares em nada são pertinentes ao teu tema.

[12] Resta a assembleia, em que a oração era pronunciada simultaneamente para instruídos e não instruídos. Pois, pela designação de povo, não se compreendia apenas a turba e os homens de condição mais humilde, mas também nobres e não nobres, instruídos e não instruídos.

[13] E, assim, o orador falava não apenas a padeiros e treinadores, mas muito mais aos que tratavam do governo da República e aos que lhes interessava o que o povo decidiria.

[14] Os homens nobres, portanto, entendiam muito bem o orador que falava em latim e letradamente, mas os padeiros e treinadores e a turba desse tipo entendiam as palavras do orador da mesma maneira como agora entendem as solenidades da Missa.

[15] Não devemos ignorar que os próprios oradores frequentemente escreviam suas orações de maneira diferente do que as pronunciaram, o que, tanto entre gregos quanto entre latinos, é muito observado; não que escrevessem algo diverso, mas que submetiam às letras, de maneira mais ornada e refinada, o mesmo que disseram, para que algumas coisas ditas na assembleia, talvez por meio de palavras mais populares e francas e acomodadas à inteligência, fossem lidas posteriormente de modo mais polido e conciso, enquanto escritos.¹⁵

[16] E estas coisas me foram ditas, na verdade, acerca dos oradores. De fato, no Senado e nos tribunais, falavam de forma letrada para conhecedores das letras, mas, nas assembleias, falavam também para conhecedores das letras. Estavam presentes também alguns não instruídos: estes entendiam as palavras do orador como agora entendem as solenidades das Missas.

[17] Portanto, este teu argumento induzido dos oradores não logra o que queres. Pois tem alguma aparência à primeira vista, mas, se for discutido aguçadamente, em absolutamente nada importa.

[18] Acerca dos poetas e suas fábulas, porém, vejo que tu pensas muito diferentemente de mim. Tu reputas que a turba se reunia para entender os poemas, mas eu reputo que ela se reunia para assistir aos jogos cênicos. E, assim, não eram chamados de ouvintes os que estavam presentes, mas de espectadores.

[19] Pois a peça era encenada com grande aparato dos edis,¹⁶ não apenas por meio de gestos, mas também por melodias de flautas, e os atores saíam de cena mascarados. Para verem estas coisas, por Hércules!, hoje o povo concorreria menos do que então concorria.

[20] O que, porém, digo pode ser entendido com base nos prólogos das comédias de Plauto e Terêncio.

¹⁵ Flávio Biondo já apresenta esse argumento nos passos 104-106 de *De verbis Romanae locutionis*.

¹⁶ Magistrados romanos encarregados de inspecionar edifícios públicos e particulares, aquedutos, divertimentos públicos, além de administrar a justiça e de oferecer jogos públicos (Saraiva, 2006: 38).



[21] Pois tudo parecia depender do trabalho daqueles que atuavam. «Acta ludis funebribus. Modos fecit Flaccus Claudii tibiis disparibus»: ¹⁷ não se diz «recitata», mas «acta». Pois o que é «agere» senão representar e referir por meio do ato? O que é fazer «modos» para «tibiis», senão atrair a multidão para assistir?

[22] «Hecyra est huic nomen fabulae. Ea cum acta est nova, novum intervenit vicium et calamitas ut neque spectari neque cognosci potuerit: ita populus studio stupidus in funambulo animum occupaverat». ¹⁸

[23] E um pouco depois: «In iis quas primum Caecilii didici novas partim sum earum exactus, partim vix steti. Quia sciebam dubiam fortunam esse scenicam, spe incerta certum mihi laborem sustuli, easdem agere coepi, ut ab eodem alias discerem novas». ¹⁹

[24] Quando ele diz «didici novas» e «alias discerem», claramente mostra que nem os próprios atores, na verdade, entendiam os escritos dos poetas, senão que os aprendessem primeiro com os poetas. Se, portanto, os próprios mestres da atuação não os entendiam, muito menos a turba e a multidão.

[25] Mas a turba assistia aos jogos, não ouvia as palavras; era entretida apenas pela visão dos olhos e pelo som das túbias.

¹⁷ Didascália da comédia *Hecyra* (A sogra), de Terêncio; grifos nossos: «Incipit Terenti Hecyra/ acta ludis Megalensibus/ sexto Iulio Caesare Cn. Cornelio Dolabella/ aedilibus curulibus/ modos fecit Flaccus Claudi/ tibiis paribus/ tota graeca Menandru/ facta est v/ acta primo sine prologo data/ secundo Cn. Octavio Tito Manlio cos./ relata est Lucio Aemilio Paulo ludis funeralibus/ non est placita/ tertio relata est q. Fulvio Luc. Marcio aedilibus curulibus/ egit Luc ambiuius Luc Sergius turpio placuit» («começa a *Hecyra* de Terêncio, apresentada nos Jogos Megalenses, sendo Júlio César e Gneu Cornélio Dolabela os edis curuis. Flaco Cláudio compôs as melodias, para flautas de mesma tonalidade. Feita em cinco atos, toda baseada na obra grega de Menandro. Inicialmente apresentada sem prólogo. Posteriormente, sendo cônsules Gneu Octávio e Tito Manlio, foi reexibida nos jogos funerários de Lúcio Emílio Paulo, mas não agradou. Na terceira apresentação, sendo os edis curuis Quinto Fúlvio e Lúcio Márcio, atuou Lúcio Ambívio Turpio, e finalmente agradou»). São de nossa autoria todas as traduções de citações feitas por Bruni em sua epístola. A descoberta das comédias de Terêncio é atribuída a Petrarca, que, inclusive, chegou a preparar «una edición en toda regla y una introducción en la que, entre otras cosas, daba cuenta de algunos de los criterios que había seguido en aquella» (Ruiz Arzalluz, 2013: 69).

¹⁸ Prólogo I de *Hecyra*, v. 1-5; grifos nossos: «Hecyra est huic nomen fabulae. haec quom datast/ nova, novom intervenit vitium et calamitas/ ut neque spectari neque cognosci potuerit:/ ita populu/ studio stupidus in funambulo/ animum occuparat. nunc haec planest pro nova,/ et is qui scripsit hanc ob eam rem noluit/ iterum referre ut iterum possit vendere./ alias cognostis eiu': quaesio hanc noscite» («*Hecyra* é o nome desta peça. Quando foi apresentada quando nova, um novo problema e uma calamidade surgiram, de modo que não pôde ser assistida nem reconhecida: o estúpido público ocupava-se de tal maneira com um equilibrista que não prestou atenção. Agora, esta é apresentada como se fosse nova, e quem a escreveu, por essa razão, não quis apresentá-la novamente para poder vendê-la outra vez. As outras vós já conheceis; peço que conheçais esta também»).

¹⁹ Ter., *Hec.*, v. 14-19: «Quanto às novas peças de Cecílio que aprendi primeiro, uma parte delas eu dominei, na outra perseverei a custo. Porque eu sabia que a sorte no teatro é dúbia, com uma esperança incerta tomei para mim um trabalho certo, comecei a atuar nas mesmas, para que do mesmo eu pudesse aprender outras novas».

[26] No entanto, acrescenta: «Quia sciebam dubiam fortunam esse scaenicam».²⁰ Isso prova o que eu disse. A sorte, pois, estava nos jogos cênicos, não no estilo e no engenho do poeta. Isso, pois, deixou-se ao juízo dos que leem e não estava subjacente à sorte. A ação, porém, as túbias e divertimentos desse tipo não estavam subjacentes à sorte dos espectadores.

[27] E pouco depois: «Perfeci» – fala – «ut spectarentur»;²¹ ele não diz «intelligerentur», mas «ut spectarentur», o que é totalmente um juízo dos olhos.

[28] E pouco depois: «Vobis potestas data est condecorandi ludos scaenicos. Nolite sinere per vos artem musicam recidere ad paucos».²²

[29] Com base em tudo isso, fica patente que a multidão se reunia para assistir aos jogos cênicos, às túbias e às personagens dos atores; que os próprios atores, porém, nem as palavras do poeta entendiam, senão que fossem ensinados antes. Nada dos poetas, portanto, nada de suas peças são pertinentes à linguagem do povo. Pois o povo seguia não a inteligência das palavras, mas o espetáculo dos jogos.

[30] Visto que mostrei os fundamentos de tua opinião, os quais reputavas os mais firmes, nada valerem, agora ensinarei que é impossível que o povo falasse do modo que tu reputas, sendo apenas isso a premissa.

[31] Pergunto, Flavio, embora tu sejas um homem instruído e polido pelas letras, ou demais que concordam contigo: podeis estar dispostos a acreditar que amas e mulheres plebeias²³ e uma multidão desse tipo naquele tempo nasciam de tal forma que, o que nós a custo obtemos por meio de tantos mestres e tanta prática, alcançassem sem nenhum mestre, a ponto de falarem da mesma forma como aqueles que falam em latim e letradamente e de entenderem as comédias dos poetas, sem que ninguém os ensinasse antes? Certamente, é muito absurdo crer nisso.

²⁰ Cf. nota 19.

²¹ Ter., *Hec.*, v. 20; grifos nossos: «Perfeci ut spectarentur: ubi sunt cognitae,/ placitae sunt. ita poetam restitui in locum/ prope iam remmotum iniuria advorsarium/ ab studio atque ab labore atque arte musica» («produzi-las para serem assistidas: onde foram conhecidas, agradaram. Assim, restitui o poeta ao lugar quase já removido pela injustiça dos adversários, a partir do estudo e do trabalho e da arte musical»).

²² Ter., *Hec.*, v. 44-47; grifos nossos: «Agendi tempu' mihi datumst; vobis datur/ potestas condecorandi ludos scaenicos./ nolite sinere per vos artem musicam/ recidere ad paucos: facite ut vostra auctoritas/ meae auctoritati fautrix adiutrixque sit» («foi-me dada a oportunidade de atuar; a vós é dada o poder de embelezar os jogos cênicos. Não permitais que, por vossa causa, a poesia cômica seja um privilégio de poucos: fazei com que vossa autoridade seja favorecedora e auxiliadora à minha autoridade»). Giuseppe Marcellino (2013-2014: 207) esclarece que «aqui, Bruni, não compreendendo o valor de «*artem musicam*» como uma arte pertinente às musas (cf. Th.L.L s. v. «*musicus*», v. VIII, p. 1702, 15 e seg.), acredita erroneamente que a referência é à música produzida com os instrumentos usados nas representações».

²³ No original, «*mulierculas*». Leonardo Bruni emprega o substantivo «*muliercula*» com uma clara distinção social de «*mulier*» e «*femina*», aludindo às mulheres da classe plebeia. O autor repete essa escolha nos parágrafos 33, 37 e 40.

[32] E, embora a língua latina difira da popular em muitos aspectos, principalmente na terminação, flexão, significado, construção e acento, falemos sobre todos esses ao mesmo tempo, pois seria delongado tratar de cada um separadamente.

[33] Aquelas mulheres plebeias, portanto, e tuas amas, se tiverem que falar no caso reto sobre mobília, dirão «supellex». Mas, se for necessário flexionar, para que signifique posse ou genealogia, dirão «supellectilis», e se a intenção exigir, variarão para «supellectili supellectilem», e quando for necessário dizer no plural, pronunciarão «supellectilia», tendo sido variado o gênero,²⁴ e «supellectilium» e «supellectilibus». Por Deus imortal, não vedes que acreditais em coisas impossíveis?

[34] «Pegas um nome difícil», dirás. Mas pega tu um mais fácil. «Dominus», dirão no caso reto, mas flexionarão, quando tiverem de dizer «domini», «domino», «dominum»; e, se for necessário falar sobre mulheres, dirão «dominabus», «filiabus», «libertabus», elas que terão falado, a respeito de homens, «dominis», «filiis» e «libertis». A custo, por Hércules, fariam isso com disciplina e regra, quanto mais sem disciplina e regra.

[35] «Fero» é o verbo de onde vêm «tuli», «latum», «sustuli», «sublatum».

[36] «Cado», «ceçidi», se significar «queda»; se significar «corte», «ceçidi» com a sílaba do meio prolongada.²⁵ Então, pergunto, as mulheres e a turba entenderão e falarão assim?

[37] «Pulso» e «vapulo», embora um ativo e outro passivo, dizemos que estão na mesma voz. «Ego vapulando, ille verberando, usque adeo defessi sumus»,²⁶ diz o poeta. Tu reputas que as mulheres plebeias e as amas e a gentalha desse tipo entendem isso e falam do mesmo modo?

[38] «Abfuit» e «defuit» são dois verbos, um deles significa louvor, o outro vituperação.

[39] Dizemos em latim «sinapis» com a sílaba do meio prolongada e «Polixena» com a penúltima breve. Mas, no vocativo «Virgili» e «Mercuri», pronunciamos a penúltima breve como longa por natureza.

[40] «Video te, invideo tibi, salutem dico tibi, interdico tibi bonis»,²⁷ não «bona». Pergunto se as mulheres plebeias e as amas e o povo não letrado falarão isto que, a custo, nós letrados conseguimos dizer?

[41] E se provo que, por aqueles tempos, havia um linguajar popular distinto do letrado? Porventura, deves desistir de opinar sobre tais coisas?

[42] Cícero conta que «Duellius», que superou os púnicos com sua frota, foi chamado de «Bellius» pelo povo. Portanto, o povo o nomeava de uma forma, os letrados, de outra.²⁸

²⁴ Isto é, «supellex» deixa de ser feminino no plural, já que passa a apresentar terminação de nominativo plural característica de gênero neutro.

²⁵ «Cēcīdī», 1a. pessoa do singular do pretérito perfeito indicativo de «cado» (cair) X «cēcīdī», 1a. pessoa do singular do pretérito perfeito indicativo de «caedo» (cortar).

²⁶ Ter., *Ad.*, II.2, v. 5: «Eu apanhando, ele espancando, até que ambos ficamos exaustos».

²⁷ «Vejo-te, invejo-te, saúdo-te, interdito-te os bens».

²⁸ Cic., *Orat.*, XLV.153: «Quid uero licentius, quam quod hominum etiam nomina contrahebant, quo essent aptiora? nam ut 'duellum' bellum, et 'duis' bis, sic Duellium eum qui Poenos classe

[43] Varro reputava que «villa» vem de «veho», mas apresenta uma conjectura, pois os camponeses dizem «vella» em vez de «villa» e «vellatura» em vez de «vectura».²⁹ O que mais autorizado do que esses testemunhos consideraremos? «Vellatura» e «vella» eram ditos pelo povo, «vectura» e «villa» pelos letrados. Portanto, um linguajar do povo, outro dos letrados.

[44] Mas Cícero diz de alguém:³⁰ «Putabatur bene latine loqui sed litteras nesciebat».³¹ Cícero não diria isso senão lhe parecesse admirável unicamente naquele. Pois o que ele admira naquele, quase como algo singular, prova que em outros isso nunca ocorreu.

[45] No entanto, a assembleia aplaudiu quando era dito por Carbão: «Patris dictum sapiens filii temeritas comprobavit».³² Por quê? Porque estariam presentes na assembleia muitos instruídos, e entre eles, Marco Cícero. Pois atesta isto ter sido dito na assembleia, estando ele presente. Enfim, o juízo do ritmo é comum aos ouvidos e é

deuicit Bellium nominauerunt, cum superiores appellati essent semper Duellii. Quin etiam uerba saepe contrahuntur non usus causa sed aurium» («mas o que é mais permissivo do que o fato de até mesmo os nomes das pessoas serem contraídos para se tornarem mais adequados? Pois assim como ‘duellum’ se tornou ‘bellum’ e ‘duis’ se tornou ‘bis’, da mesma forma, a aquele ‘Duellius’ que derrotou os púnicos por mar chamaram ‘Bellius’, embora seus antecessores sempre tenham sido chamados ‘Duellii’. Além disso, as palavras muitas vezes são contraídas não por causa do uso, mas dos ouvidos»). Mirko Tavoni (1984: 219) salienta que esse argumento, adotado por Bruni na discussão oral, conforme recorda Flavio Biondo no passo 24 de *De verbis Romanae locutionis*, fora já rebatido no passo 33 da referida obra, o que Bruni parece aqui não levar em consideração.

²⁹ Var., *Rust.* 1.2, 14: «Vilicus agri colendi causa constitutus atque appellatus a villa, quod ab eo in eam convehuntur fructus et evehuntur, cum veneunt. A quo rustici etiam nunc quoque viam veham appellat propter vecturas et vellam, non villam, quo vehunt et unde vehunt. Item dicuntur qui vecturis vivunt velaturam facere» («o administrador é nomeado e encarregado do cultivo da fazenda e chamado de ‘vilicus’, derivado de ‘villa’, pois é ele quem transporta os produtos para ela e os leva para fora quando são vendidos. Por isso, os agricultores ainda hoje chamam ‘via’ de ‘veha’ devido ao caminho utilizado para o transporte de mercadorias e chamam de ‘vella’, não ‘villa’, o lugar para onde transportam e de onde transportam. Da mesma forma, aqueles que vivem de transportes dizem que fazem ‘velatura’»). Var., *Ling.* v.6: «Sic qua vehebant, viae dictae; quo fructus convehebant, villae» («assim, as vias pelas quais transportavam mercadorias eram chamadas de ‘viae’; os locais para onde transportavam os produtos, de ‘villae’»). Com relação a essa última passagem, Ernout e Meillet (1951: 732-733) observam que «Varrão acredita poder basear-se nas pronúncias rurais de ‘veha/via’, ‘vella/villa’, [...] pronúncias muito improváveis para ‘villa’, cujo ‘i’ longo é garantido pelas línguas românicas».

³⁰ Trata-se de Curião, sobre quem Cícero fala em *Brut.* 210: «Quia latine non pessime loquebatur usu, credo aliquo domestico; nam litterarum admodum nihil sciebat» («porque falava em latim não muito mal devido à prática, acredito que por influência de alguém da casa; pois ele sabia muito pouco das letras»).

³¹ Cic., *Brut.* 259. Mirko Tavoni (1984: 220) observa que este argumento é utilizado também por Guarino Veronese no passo 30 de *De linguae latinae differentiis*; por Poggio Bracciolini no passo 70 de *Utrum prisca Romana lingua omnibus communis fuerit, an alia quaedam doctorum virorum, alia plebis et vulgi, tertiae convivialis historiae disceptatio*; e por Francesco Filelfo nos passos 30-31 de *Epistola a Lorenzo il Magnifico*.

³² Cic., *Orat.* 213-214; argumento antes utilizado por Flavio Biondo no passo 18 de *De verbis Romanae locutionis*.



notado não pelo entendimento das coisas, mas pelo alongamento ou brevidade da expiração.³³

[46] Mas a filha de Lélío escreveu maravilhosamente poemas em latim – e, por Hércules, Safo escreveu maravilhosamente poemas em versos gregos!³⁴ Pois quem nega que algumas mulheres eram instruídas, como Cornélia, mãe dos Gracos, e as filhas do poeta Epicarmo, e muitas outras entre as gregas e latinas?³⁵

[47] Mas Caio Cúrio «nichil admodum sciebat literarum»,³⁶ entretanto, foi contado entre os oradores devido ao esplendor e cópia das melhores palavras. Creio que ele não frequentou essas grandes escolas; mas o mesmo Cúrio escreveu suas orações e diálogos. A respeito de quem, no entanto, colocaria seus pensamentos por escrito, diremos que não conhecia as letras?

[48] Mas sua casa proporcionou a cópia de palavras. Concordo: com efeito, parentes letrados, servos e até mães, se são elegantes, podem ajudar na eloquência dos filhos.

[49] Enfim, ainda hoje, as mulheres romanas, em meu juízo, falam elegantísimamente, e certamente de modo mais puro do que os homens. E, embora o linguajar delas não seja letrado, a própria forma de falar e o brilho das palavras podem ajudar na eloquência.³⁷

[50] Enquanto eu ouvia, uma matrona romana indignava-se porque uma mulher plebeia a ultrapassou: «Por Deus! – disse – até que ponto toda a cortesia e todo o costume louvável se acabaram por estes tempos? Até que ponto todas as classes e posições de dignidade se confundiram?». Depois, tendo se voltado para a mulher que ela desaprovava: «Tu – disse – mesmo sendo de pai plebeu e de marido plebeu, não te envergonhas de me ultrapassar, a mim nascida de família equestre e casada com cavaleiro romano? Mas por que falo de mim? Agora, se Deus permitir, tu ultrapassarás as mulheres patricias?».

³³ Laurence Bernard-Pradelle (2014: 161) comenta que, em *Orator* (213-214), «Cícero explica que o dicoreu tem uma cadência notável, da qual devemos temer a saturação, mas que realiza maravilhas em uma reunião pública, sensível aos efeitos sonoros. Bruni retoma o argumento».

³⁴ Para Laurence Bernard-Pradelle (2014: 161), Bruni aqui confunde o Curião avô, sobre quem Cícero se surpreende por não ter conseguido o consulado (*Brut.*, 124), com o Curião pai, que não tinha nenhuma cultura, mas estava imerso em um ambiente cultural favorável (*Brut.* 210 e 213).

³⁵ Cic., *Brut.* 211; argumento antes utilizado por Flavio Biondo no passo 47 de *De verbis Romanae locutionis*. Mirko Tavoni (1984: 220) comenta que Leonardo Bruni, em *De studiis et litteris liber* (Baron, 1928: 169), escrito entre 1422 e 1429 para a senhora Battista Malatesta, coloca Cornelia e Safo entre os «clarissimarum mulierum exempla, quae litteris et studiis et eloquentia claruerunt, per quarum commemorationem te provocare ad excellentiam possim» («os exemplos das mulheres mais ilustres, que se destacaram nas letras, nos estudos e na eloquência, através de cuja lembrança eu posso te incitar à excelência»).

³⁶ Cic., *Brut.* 210; argumento já utilizado por Flavio Biondo no passo 52 de *De verbis Romanae locutionis*.

³⁷ Como explica Mirko Tavoni (1984: 221), «o caso da matrona romana corresponde aos dos camponeses da Itália central citado por Biondo» nos passos 95-98 de *De verbis Romanae locutionis*.

[51] Ela expressava isso em um linguajar romano puro e nativo, de modo que, sem dúvida encantado, me deleitei como não apenas as palavras mantivessem o esplendor e a gravidade da sentença bem como a própria pronúncia, uma certa suavidade vernácula.

[52] Eu reputo que, desse modo, as mães foram úteis aos filhos, e as amas às crianças, para fins de elegância, não porque flexionassem os casos, ou variassem e conjugassem os verbos de maneira letrada, mas porque infundissem um linguajar puro e esplendoroso e minimamente bárbaro.

[53] Pois até mesmo o linguajar popular tem seu valor, como aparece no poeta Dante e em outros que falam corretamente.

[54] Quis responder estas coisas ao teu libelo; reputo que, se te arrastei, por meio delas, contra a tua opinião, disse o suficiente; se persistes em tua opinião e não cedes à necessidade de argumentos, prometo que ainda direi mais contra essa opinião. Fica bem.

RECIBIDO: mayo 2024; ACEPTADO: junio 2024.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARON, H. (1928): *Leonardo Bruni Aretino. Humanistisch-philosophische Schriften: Mit Einer Chronologie Seiner Werke und Briefe*, B. G. Teubner, Leipzig.
- BERNARD-PRADELLE, L. (2014): *Leonardo Bruni Aretino: lettres familières tomo 2*, Presses Universitaires de la Méditerranée, s.l.
- DELLE DONNE, F. (2008): «Introduzione», *Flavius Blondus. De verbis Romanae locutionis*, Istituto Storico Italiano per il Medio Evo, Roma, pp. XVI-LVII.
- ERNOUT, A. - MEILLET, A. (1951): *Dictionnaire etymologique de la langue latine*, Klincksieck, Paris.
- MARCELLINO, G. (2013-2014): *Flavio Biondo. De verbis Romanae locutionis: introduzione, edizione critica, traduzione e commento* [Tesi Ph.D.], Scuola Normale Superiore, s.l.
- MARSH, D. (1979): «Grammar, Method, and Polemic in Lorenzo Valla's *Elegantia*», *Rinascimento* 19: 91-116.
- MARSICO, C. (2013): *Per l'edizione delle Elegantie di Lorenzo Valla: studio sul v libro*, Firenze University Press, Firenze.
- RUIZ ARZALLUZ, I. (2013): «Petrarca y las primeras ediciones de Terencio», *Humanistica Lovaniensia* 62: 69-96.
- SARAIVA, F. R. DOS S. (2006): *Dicionário latino-português*, Livraria Garnier, Rio de Janeiro - Belo Horizonte.
- SCHÖNTAG, R. (2017): «Il dibattito intorno al volgare antico tra Leonardo Bruni e Flavio Biondo sullo sfondo della cognizione linguistica di Dante», *Forum Italicum* 51 (3): 553-572.
- TAVONI, M. (1984): *Latino, grammatica, volgare: storia di una questione umanistica*, Editrice Antenore, Padova.

